



Um Olhar para Gerações - Observação do Movimento Corporal de Jovens e Idosos em uma Perspectiva Intergeracional¹

Douglas Henrique da ROSA²
Artemis de Araújo SOARES³

RESUMO

O Presente artigo foi desenvolvido a partir das visitas técnicas feitas pelo grupo de trabalho formado por alunos especiais, mestrandos e doutorandos da Disciplina Corpo, Cultura e Sociedade do Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Amazonas-UFAM sob orientação da Prof. Dra. Arthemis de Araújo Soares. Traz a descrição de duas instituições públicas Municipais de Manaus e de Iranduba no Estado do Amazonas (uma para crianças e adolescentes e outra para idosos), seus pontos de convergência e os potenciais benefícios que esta afinidade de hábitos, gestos e abordagens observadas podem trazer para ambos os grupos geracionais que frequentam estas instituições, em especial aos idosos que tem este direito expresso em dispositivo de Lei. Traz também propostas para a aplicação do Art. 3º, IV da Lei Federal 10.741 de 2003, para que a intergeracionalidade seja abordada de forma ampla dentro das escolas públicas e privadas no que tange ao direito do idoso de ter uma convivência intergeracional harmônica e sadia e, com isso, sugerir alteração, a longo prazo, aos padrões de comportamento da sociedade Brasileira em relação às formas pejorativas como o indivíduo idoso é visto no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: intergeracionalidade; idoso; sociedade

¹ Trabalho apresentado no GT 5 (Corporeidade e Práticas Corporais dos Povos Tradicionais) do III Siscultura.

² Especialista em Gerontologia e Saúde do Idoso pela Universidade do Estado do Amazonas E-mail: douglashrg.dan@gmail.com

³ Doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto. E-mail: artemissoares@yahoo.com.br.



1. ASPECTOS DO ENVELHECIMENTO

No ano de 2050, o Brasil será palco de um fenômeno nunca antes visto que é a expectativa de termos mais idosos do que pessoas com idade inferior a 15 anos, segundo afirma o Ministério da Saúde (2007), ao tratar da saúde e cuidados com o idoso no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. Schneider, 2008, nos diz que o envelhecimento não é um processo simples, com problemas simples e soluções simples, o autor nos traz a idéia que o envelhecimento é uma interação de fatores complexos que apresentam uma influência variável sobre o indivíduo idoso.

Envelhecer é um processo natural, dinâmico, progressivo, onde há modificações culturais, econômicas, morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas em consequência da ação de diversos fatores, entre eles o decurso do tempo, mas, segundo Ministério da Saúde (2007), o processo natural de envelhecimento não pode ser entendido como doença. O simples fato de envelhecer pode ser, para algumas pessoas, a porta de entrada para patologias oportunistas. As disfuncionalidades cognitivas provocadas pela exclusão social, por exemplo, constituem um enorme desafio para profissionais de saúde, gerontólogos e pesquisadores.

Dentre as patologias mais comuns causadas pela exclusão social esta a depressão que constitui enfermidade mental frequente na população idosa, comprometendo intensamente sua qualidade de vida, sendo considerada fator de risco para processos demenciais. É uma condição que coloca em risco a vida do idoso, sobretudo daqueles que têm alguma doença crônico-degenerativa ou incapacitante.

As atividades físicas, lúdicas e a inserção do idoso em grupos sociais segundo Ministério da Saúde, (2007), tem efeito positivo na prevenção e tratamento de doenças e na manutenção da saúde do idoso que, quando regular e bem planejadas, contribuem para a minimização do sofrimento psíquico do idoso deprimido, além de oferecer oportunidade de envolvimento psicossocial, elevação da auto-estima, ter potencial para oportunizar a saída do quadro depressivo e menores taxas de recaída.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



No Brasil, segundo Veras (2018), o número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos passou de 3 milhões em 1960, para 7 milhões em 1975, e 14 milhões em 2002 (um aumento de 500% em quatro décadas) e deverá alcançar, segundo o referido autor, cerca de 32 milhões em 2020. Lago (2005), ratifica esta informação e diz que “o envelhecimento populacional brasileiro é um dos grandes desafios deste século”. O Brasil conta hoje, segundo dados do IBGE (2018), com uma população de quase 102 milhões de habitantes sendo que, destes, 28 milhões são idosos já o Amazonas possui, no mesmo ano, mais de 4 milhões de habitantes e, destes, 297 mil idosos.

O envelhecimento populacional brasileiro é um dos grandes desafios deste século. Enfrentá-lo no momento em que as políticas sociais estão sendo implantadas e em que a seguridade apresenta um quadro especial ora dramático ora não, requer um esforço amplo de atuação não só do Estado, mas também da sociedade civil (LAGO, 2005, p.15).

Neste sentido, foi criado o Estatuto do Idoso (2003), para garantir os direitos da população idosa no Brasil. A Lei 10.741 de 2003, já reconhecia a importância desses direitos e, dentre eles, a convivência intergeracional, quando, em seu artigo 3º, IV, discorre sobre a importância da convivência dos idosos com as demais gerações e não coloca a interação intergeracional como opção mas sim como direito do idoso.

Veras (2018), discorre sobre a importância dos cuidados que se deve ter com o idoso e com as políticas públicas voltadas para melhorar o atendimento, prevenção e manutenção da saúde destes indivíduos. Santos (2009), da sua contribuição ao nos trazer a expressão “biopolítica”, de Michel Foucault, que se baseia no entendimento do corpo como construção social citando que o poder do Estado não age no corpo da pessoa idosa de forma isolada, que as ações políticas afetam a comunidade e sua correta aplicação pode interferir positivamente na saúde e bem estar do idoso. Veras (2018), cita a importância de ter a sociedade engajada no trabalho de acolhimento ao idoso ao citar:

Temos de encontrar os meios para: incorporar os idosos em nossa sociedade, mudar conceitos já enraizados e utilizar novas tecnologias, com inovação e sabedoria, a fim de alcançar de forma



justa e democrática a equidade na distribuição dos serviços e facilidades para o grupo populacional que mais cresce em nosso país. (VERAS, 2018, p.02)

2. O Corpo do Idoso

Papalia (2000), nos traz a informação que a imagem do idoso está carregada de estereótipos negativos desde a antiguidade. Aceitar que estamos ficando velhos não é uma tarefa fácil. Dessa forma, Lago (2005) assinala que se voltarmos à antiguidade, poderemos ver que os homens já faziam críticas aos danos que o tempo faz nos corpos e na imagem do idoso. Entre os gregos, a velhice era tratada com desdém e os jovens como belos. Estes tirados da corrente da vida antes que o tempo os tornasse velhos, no entanto, os homens de pensamento tinham na mesma época uma visão diferente. Papalia (2000), diz que estes estereótipos negativos são facilmente encontrados nos clássicos da literatura infantil, como em Branca de Neve e os sete anões, por exemplo, onde a bruxa malvada era sempre representada por uma pessoa de idade avançada, e seus traços envelhecidos representavam pavor. Tais afirmações podem contribuir para prejudicar o autoconceito que os idosos têm pois tratam de aspectos cognitivos da personalidade. *“O que as pessoas pensam a respeito de si mesmas.”*

Ao tratar das questões do corpo do idoso, Santos (2009) traz a idéia de que o corpo pode conter marcas e sinais que podem evidenciar sua idade. Segundo a autora, o corpo torna-se a mais evidente manifestação da ação do decurso do tempo, afirma que é por meio deste corpo e com este corpo que a imagem do idoso é construída e é com esta imagem, enrugada e envelhecida, deturpada por uma visão estética e consumista, que algumas sociedades baseiam-se para tratar questões do cotidiano da vida do idoso, *“tratando o corpo como construção e produto final de um determinado contexto social”*. Schneider, (2008), afirma que há uma correspondência entre a concepção de velhice presente em um determinado contexto social e as atitudes frente a imagem envelhecida dos indivíduos idosos.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



O corpo é o primeiro e mais evidente lugar onde se manifesta e se expressa a idade que possuímos. Assim como as fases do curso de vida o corpo é uma construção social que só pode ser compreendido no interior da cultura que o produz. É sobre ele que a sociedade marca pertencimentos e exclusões, e é nele e com ele que cada um de nós constrói nossa história e nossa identidade. (SANTOS, 2009, p.01)

Schneider (2008), enfoca seus estudos na importância do contexto social na determinação e na mensuração da idade da velhice, trabalha em cima da possibilidade de o indivíduo e sociedade estarem diretamente relacionados. O autor cita, ainda, que, apesar de se saber que a velhice tem relação com diversos aspectos, que deveriam ser, estes, utilizados para determinar se um indivíduo é velho ou não, na prática, o indivíduo é dado como idoso pelo simples fato de ter completado 60 anos de idade, independentemente de seu estado biológico, psicológico e social.

Veras (2018) e Santos (2009), alinham seus discursos no sentido de que boa parte dos problemas inerentes ou relacionados ao envelhecimento podem ser minimizados com ações de prevenção, o que inclui a prevenção da saúde mental dos idosos que tem entre suas causas mais evidentes a desvalorização e consequente isolamento social.

Os números, trazidos pelo IBGE 2018, citados no início do presente artigo, apontam, estatisticamente, que um quarto da população Brasileira já é composta por pessoas idosas e, a prevenção, tida, também, como ação de combate contra o isolamento social, já estava sendo tema de debate quando do lançamento da Política Nacional de Saúde do Idoso em 1999 (PNSI), que consta em anexo à Portaria nº 1.395/1999, (1999) que, naquela época, já trazia como importante diretriz para a manutenção da saúde e do bem estar do idoso a prevenção contra o isolamento social.

Adiante far-se-á a análise de duas instituições públicas, de cidades distintas, do Estado do Amazonas onde foram identificados pontos de interesse em comum entre seus hábitos para propor um possível encontro entre os grupos geracionais que convergem em determinados pontos a saber.

3. PARQUE MUNICIPAL DO IDOSO

O Parque Municipal do Idoso-PMI (imagem 1) foi Fundado em 2002 como Programa Conviver, órgão da Fundação de Apoio ao Idoso Doutor Thomas, instituição centenária, responsável pela Política Municipal do Idoso na Cidade de Manaus-AM que, segundo Castro (2018), beneficia cerca de 1220 idosos com atividades multidisciplinares associadas à educação para a cidadania. A autora diz que o órgão conta hoje com uma equipe multidisciplinar e um espaço físico com piscina térmica, ginásio coberto (imagem 3 e 4), hall de convivência (imagem 3), auditório, pista de caminhada (imagem 1), salas de aula de dança e artes, lanchonete, salão de beleza e área externa arborizada para atividades ao ar livre (imagem 2)



Imagem 1 (Fonte: Robson Teixeira)
Vista aérea do Parque Municipal do Idoso



Imagem 2
Aula de Lian Go



Imagem 3
Ginásio do Parque do Idoso
Festa Junina 2018



Imagem 4
Ginásio do Parque do Idoso
Alunos de Dança
coreográfica

No mês de agosto é realizado o JIPI-Jogos Internos do Parque do Idoso, que é uma etapa seletiva para a Olimpíada da Terceira Idade. A Olimpíada da Terceira Idade é

um evento realizado pela Secretaria Municipal de Juventude Esporte e Lazer de Manaus-SEMJEL que tem por finalidade segundo Regulamento Geral, (2018), o intercâmbio social, recreativo e desportivo entre os grupos de 3ª idade do Amazonas. As Olimpíadas, segundo Regulamento Geral, (2018), contam com 17 modalidades adaptadas, em quatro categorias, nos gêneros masculino e feminino que são: concurso de dança, lance livre na cesta (imagem 7), bocha (imagem 5), jogo de malha, dominó, argola (imagens 14 e 15), futpenalti, tênis de mesa, chute a gol, boliche, geronto voleibol, taco no disco (imagem 6), lançamento ao alvo (imagens 20 e 21), lançamento de pelota, corrida, lançamento de peso e natação.



Imagem 5
Bocha



Imagem 6
Taco no Disco



Imagem 7
Bola no Cesto

4. Escola Municipal Évila Souza de Assis

Localizada na Cidade de Iranduba, a Escola Municipal Évila Souza de Assis fica a 40 km do Centro de Manaus, capital do Amazonas na Rua Auton Furtado. O Nome da Escola é uma homenagem a Professora Évila Souza de Assis, que segundo Benacon, (2018), a referida professora é natural de Parintins-AM, foi docente da Escola Estadual Izaias Vasconcelos, mudou-se para o Município de Barreirinha-AM para trabalhar na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Governo do Distrito Federal-EMATER com seu cônjuge e por meio desta empresa veio a fixar residência em Iranduba-AM. Posteriormente a Sra. Évila trabalhou na Prefeitura de Iranduba, sendo cedida, anos depois, para trabalhar no Cartório Eleitoral da Cidade. Por ser moradora da Cidade Nova, bairro próximo à Escola que recebeu seu nome, e por ser uma pessoa muito influente na Cidade de Iranduba, com notórios serviços prestados a comunidade que, por meio do Decreto Municipal 025 de 97, no dia 01 de setembro de 1997 a



professora Évila recebeu esta homenagem póstuma após sua morte em um acidente de trânsito na Estrada que liga Manacapuru-AM a Capital Manaus.

Atualmente, segundo o Histórico Escolar (2018), a Escola atende a 731 alunos, devidamente matriculados em três turnos com uma equipe multidisciplinar composta por 68 pessoas além de 1 coordenador do Programa Mais Educação. A Escola possui um pátio descoberto para atividades, porém não possui quadra para a prática de atividades esportivas e de recreação que proteja os alunos e professores da incidência de sol e chuva. Os funcionários relatam que as poucas ações de manutenção que são feitas na Escola são custeadas com os recursos limitados da Associação de Pais, Mestres e Comunitários-APMC e que alguns materiais de uso nas atividades são, muitas vezes, custeados pelos próprios professores.

Entrevistamos a professora de educação física Silma de Almeida Gouvêa, formada pela Universidade Federal do Amazonas, responsável pelas aulas de Educação Física da Escola. Gouvêa (2018), nos conta que a maior parte dos objetos utilizados são feitos pelos próprios alunos no horário das aulas de Educação Física sob sua supervisão e acompanhamento. Notamos que os objetos supracitados são raramente encontrados, nos dias de hoje, na prática de atividades por parte de crianças e adolescentes no âmbito escolar. Dentre os instrumentos artesanais encontrados estão a peteca, jogo de argolas, tiro ao alvo, arremesso de pelotas, corrida do copo, coquita e amarelinha (imagens 8 e 9).

As atividades das aulas de educação física da referida Escola são bem organizadas e existe um sistema de colaboração entre os alunos. Alguns alunos das turmas mais adiantadas auxiliam a professora na organização das atividades dos alunos mais novos contribuindo para a conservação dos brinquedos e zelando pela segurança dos pequenos durante as aulas. É uma espécie de cooperação por monitoria que é incentivado pelos professores, o que coloca, os alunos, desde cedo, em condição de entender melhor os benefícios e possibilidades que são criadas em uma interação intergeracional.

Gouvêa (2018), nos conta ainda que os materiais utilizados para a confecção dos objetos das aulas de educação física são garrafas pet, copos plásticos de manteiga grande, cordas de varal reutilizadas, meias, areia, barbante, TNT, sacolas, E.V.A, fita adesiva, balões, jornais, restos de madeira, papelão, mangueiras velhas e outros.



Imagem 8
Mesa com
brinquedos

Imagem 9
Mesa com
brinquedos

Imagem 10
Jogo de argolas

Imagem 11
Jogo de argolas e
amarelinha

Gouvêa (2018), afirma que o sol e a chuva são as principais dificuldades das aulas, que, dependendo da época do ano, precisam ser transferidas para a sala e as atividades serem substituídas por dinâmicas adaptadas para o espaço da sala. Completa citando a importância da prática de atividades físicas e lúdicas dizendo que “*quem participa tem maior desempenho motor em relação aos que não participam das atividades*”. Completa afirmando notar enorme diferença entre os alunos que jogam peteca pela primeira vez em comparação com os alunos que jogam a mais tempo, cita que estes apresentam uma melhora nas habilidades motoras, lateralidade, percepção espacial e noção de força, impulso e de profundidade em relação aqueles.

Gouvêa (2018), citou que as atividades e brincadeiras livres, conduzidas ou com os objetos confeccionados (imagens 8 e 9) são feitas durante as aulas de educação física pois o horário do recreio é de apenas 10 minutos e utilizado somente para alimentação, não restando tempo para brincadeiras, por isso a referida professora torna as aulas mais divertidas e atrativas para compensar a falta de horário para manifestações espontâneas.

Ao observar as atividades formais e não formais propostas pela referida professora citamos o art. 27 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N°

9.394/1996) que estabelece a promoção do esporte educacional e apoio às práticas desportivas não-formais enquanto diretrizes para os conteúdos curriculares. Esta prática incentivada expressamente pela lei supracitada é perceptível nas aulas de educação física desta Escola em questão (imagens 12, 13, 16, 17, 18 e 19) e, segundo Gouvêa (2018), estas atividades lúdicas e livres dentro do horário de educação física, de forma esporádica, são fundamentais para deixar as aulas mais atrativas para os alunos.



Imagem 12
Corrida do Copo



Imagem 13
Bola no Alvo

5. PONTOS DE CONVERGÊNCIA ENTRE O PARQUE MUNICIPAL DO IDOSO E A ESCOLA ÉVILA SOUZA DE ASSIS



Imagem 14
Jogo de Argolas
PMI



Imagem 15
Jogo de Argolas
PMI



Imagem 16
Jogo de Argolas
EMESA



Imagem 17
Jogo de Argolas
EMESA

O Jogo de Argolas, foi identificado nas duas instituições analisadas como atividade física e de lazer que, segundo o João XXIII (2012), o jogo tem, dentre os objetivos, o desenvolvimento de noção de distância, que tem potencial para ajudar na concentração das pessoas, melhorar a execução de atividades que exijam coordenação motora e melhorar a percepção espacial, assim como auxilia na educação, sendo exigido, em sua prática, o respeito entre os participantes e a Paciência.

Coloque as garrafas lado a lado, cuidando para que as mesmas não fiquem muito próximas umas das outras. Em fila, cada participante na sua vez, receberá cinco argolas, representando suas cinco chances de lançar, se marcar ponto registre no quadro e acabando as argolas, passe a vez. Ganha o jogo quem realizar o maior número de pontos, apurados no final da jogada. (JOÃO XXIII, 2012, p.35).

O Jogo de Bola no Alvo, é similar em sua aparência estrutural e na execução nas duas instituições estudadas. A Trave utilizada pelo referido jogo é feita, segundo SEMJEL (2018), com uma base de madeira, tendo seu poste de apoio uma altura de 1m e 50cm do solo à base inferior do círculo. O círculo terá em sua parte interna 30cm de diâmetro, sendo confeccionado em compensado. A bola será a mesma utilizada em tênis de quadra. Em relação ao tipo de movimento exigido pelo jogo, Gallahue (2002), diz que o jogo apresenta movimento classificado como discreto, pois, segundo o autor, o movimento discreto apresenta início e fim definidos. Cita como exemplos de movimentos discretos o arremesso (típico do jogo bola no alvo e argolas). O Autor classifica, ainda, como tarefa de manipulação de objeto pois envolve a ação de dar força a um dado objeto ou receber força do mesmo e, de acordo com a descrição do autor, o jogo de argolas, assim como o jogo de bola no alvo podem ser exemplos de tarefa de manipulação de objetos.



Imagem 18
Bola no Alvo
EMESA



Imagem 19
Bola no Alvo
EMESA



Imagem 20
Bola no Alvo
PMI



Imagem 21
Bola no Alvo
PMI

6. Conclusão

A intergeracionalidade é uma tímida realidade no Brasil de hoje e um potencial mal explorado para as futuras gerações. Jovens e idosos encontram-se em pólos distintos, separados por particularidades e afinidades naturais que, associadas aos modelos culturais e de consumo, vendidos amplamente pelos meios de comunicação e literatura, baseados na estética, no corpo, dito, perfeito, acabam por desvalorizar a imagem envelhecida do idoso deixando de lado sua vivência e conhecimentos.

No que diz respeito à desvalorização dos idosos frente à juventude, é necessário haver ações de conscientização e educação para a valorização do idoso com vistas a criar jovens mais conscientes de seu papel na sociedade de hoje e idosos mais longevos, saudáveis e conscientes do seu papel na sociedade em um futuro bem próximo, uma vez que, as estatísticas oficiais apontam que seremos um país de população envelhecida. Frente a este fenômeno, torna-se latente que sejam desenvolvidos mecanismos para fomentar encontros intergeracionais que propiciem benefícios para ambas as gerações, a fim de uma transferência de conhecimentos em via de mão dupla visando, entre outros, a redução dos casos de exclusão social de idosos e o reconhecimento das rugas como sinal de vivência e sabedoria.

Morangoni (2007), contribui trazendo a importância da interação social entre gerações no seio familiar e na sociedade, diz que há a necessidade de implementação de programas e projetos educativos e sociais com enfoque nas relações intergeracionais tendo a escola como espaço em potencial para propiciar estes encontros. A autora problematiza ainda mais trazendo outra demanda. Diz que os idosos, ainda considerados por muitas culturas e discursos sociais como dependentes, começam a despontar como alternativa de suporte afetivo emocional e financeiro para as gerações mais jovens. Este fenômeno se dá, segundo a autora, devido à ampliação média da expectativa de vida das pessoas, ficando, os idosos, cada vez mais fazendo parte da educação dos mais jovens, trazendo para a sociedade novas formas de relacionamento. Esta nova demanda da sociedade necessita de estudos mais aprofundados para uma melhor compreensão dessas



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



novas transferências e possibilidades de interação entre gerações trazida, sem precedente, pela evolução humana.

O desenvolvimento humano consiste em um processo dinâmico, complexo e sempre aberto a transformações que se inserem em um contexto social e histórico. (MORANGONI, 2007, p.02).

Ao analisar os resultados adquiridos pelos idosos do Parque Municipal do Idoso e pelas crianças e adolescentes da Escola Municipal Évila Souza de Assis em suas atividades, e, com um olhar atento às potencialidades intergeracionais criadas nestes espaços, percebe-se que a um ambiente propício para serem desenvolvidos projetos de intergeracionalidade no Amazonas, pois já é visível uma pré disposição dos jovens e idosos destas duas instituições para a interação entre gerações, uma afinidade, pontos de convergência e interesses em comum em suas práticas e hábitos de vida fomentados pelos profissionais de cada instituição.

Com base no Art. 3º, IV da Lei 10.741 de 2003, que garante aos idosos uma convivência harmônica e sadia com as demais gerações, propomos que sejam criadas normas locais para inserir programas intergeracionais dentro das escolas públicas e privadas com a finalidade não só de garantir os direitos dos idosos mas de permitir que as crianças e adolescentes tenham acesso às possibilidades de aprendizado com os mais velhos, para que aprendam, desde cedo, o valor que o indivíduo idoso tem para a sociedade resgatando, assim, valores tradicionais como antigas brincadeiras e ritos de passagem e para que possam perceber, desde logo, que existe vida após os sessenta anos.

Com tudo, concluímos com este estudo que o Brasil ainda é um país jovem e que possui muito a ser entendido e atendido por pesquisadores e instituições e muito a contemplar e regulamentar pela legislação Brasileira no sentido de legitimar as novas demandas da sociedade, como a necessidade das relações intergeracionais, por exemplo, criada por fenômenos relacionados com os movimentos naturais da sociedade que são decorrentes de um processo de desenvolvimento humano.



7. REFERÊNCIAS

SEMJEL, **Regulamento das Olimpíadas da Terceira Idade**, Secretaria Municipal de Juventude, Esporte e Lazer-SEMJEL, Manaus-AM, 2018

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. **Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2018, vol.23, n.6, pp.1929-1936. ISSN. 1413-8123. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>

SANTOS, Flávia da Cruz; DAMICO, José Geraldo Soares. **O Mal-Estar na Velhice Como Construção Social**. *Revista Pensar na Prática*, Vol. 12 N°. 1. 2009. Disponível em https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/4439/4519#_ftn2

PORTARIA n.º 1.395/GM de 10 de dezembro de 1999. **Política de Saúde do Idoso**. Disponível em: https://www.ufrgs.br/3idade/?page_id=117

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa**, Caderno de Atenção Básica, n° 19, Brasília-DF, Ministério da Saúde, 2007

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti, **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**, *Estudos de Psicologia*, vol. 25, núm. 4, outubro-diciembre, 2008, pp. 585-593, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2008

LAGO, Leandra Paula. **A Socialização do Idoso e o Movimento Corporal Coletivo**. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/artieop/Geral/artigo220.htm>

Lei N° 10.741 de 1º de Outubro de 2003, **Estatuto do Idoso**. Brasília, DF, 2003



GALLAHUE, David L. **A Classificação das Habilidades de Movimento: Um Caso Para Modelos Multidimensionais.** *Journal of Physical Education*, v. 13, n. 2 (2002) Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3707>

MORANGONI, Jaqueline Ferraz da Costa. **Meu tempo, seu tempo: Refletindo Sobre Relações Intergeracionais a partir de uma Intervenção no Contexto Escolar.** Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Brasília, 2007

Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, 2003

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano.** 7º ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BENACON, Maria Auxiliadora. **Maria Auxiliadora Benacon:** Depoimento [set. 2018]. Entrevistadora: Silma de Almeida Gouvêa: Escola Municipal Évila Souza de Assis, Iranduba-AM. Entrevista cedida para trabalho de campo da disciplina Tópicos Especiais II- Corpo, Cultura e Sociedade do PPGSCA-UFAM.

GOUVÊA, Silma de Almeida. **Silma de Almeida Gouvêa:** Depoimento [set. 2018]. Entrevistador: Douglas Henrique da Rosa Gomes: Fundação Dr. Thomas, Manaus-AM. Entrevista cedida para trabalho de campo da disciplina Tópicos Especiais II- Corpo, Cultura e Sociedade do PPGSCA-UFAM.

JOÃO XXIII, Instituto. **Manual de Jogos Recicláveis.** Vitória-ES: Mitra, 2012. Disponível em: http://www.joaoxxiii.org.br/3315.1685/_public/publicacoes/020513100529.pdf